

A Califórnia já é a Nossa Casa

Autor(a): Diniz Borges | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

Tema: Língua e Literatura

Subtema: história das Comunidades-Estados Unidos

Referência geográfica do conteúdo: Tulare, CA, USA

Data de publicação: 01/11/2008

Línguas disponíveis: Português

RESUMO

Cerca de 125 anos depois de terem chegado os primeiros emigrantes açorianos, existe no seio do multiculturalismo da Califórnia, uma definitiva presença trazida pelas gentes dos Açores.

CONTEÚDO

A Califórnia já é a Nossa Casa

Foi no século XIX que os açorianos começaram a emigrar para o estado da Califórnia. Foram as expedições baleeiras, a corrida ao ouro, e a fé na possibilidade de uma vida melhor que levou milhares de homens e mulheres das nossas ilhas a deixarem o arquipélago, procurando nova vida em terras do eldorado. Foi quase sempre uma emigração de necessidade! Vinha-se para este estado com uma saca cheia de esperança, uns para ficar, mas a maioria com o sonho de enriquecer e regressar ao aconchego das suas ilhas. Mas o indubitável é que foram ficando e foram criando, num dos estados mais diversificados da união americana a sua própria subcultura, a qual, como não poderia deixar de ser, é uma amálgama da nostalgia das ilhas, das suas tradições rurais e seculares, com elementos da modernidade e do multi-eticidade californiana. Hoje, cerca de 125 anos depois de terem chegado os primeiros emigrantes açorianos, existe no seio do multiculturalismo deste estado do pacífico norte-americano, uma definitiva presença trazida pelas gentes dos Açores.

Entre 1880 e 1920 muitos açorianos (uma grande percentagem na flor da vida) abandonaram as suas casas, as suas famílias, as suas freguesias, e lançaram-se para além do mar, atravessaram o enorme continente americano e na "Califórnia perdida de abundâncias [i]" recriaram elementos do seu "velho mundo", das suas longínquas ilhas. Foi a discriminatória lei da emigração de 1921 aqui nos Estados Unidos da América, e não qualquer melhoramento na condição de vida dos açorianos, que fez com que houvesse uma redução drástica, a ponto da emigração do nosso arquipélago ter, praticamente estancar, entre o fim da década de 1920 e o começo da década de 1960. Entre o começo dos anos 60, e o final da década de 70, do século vinte, milhares de açorianos deixaram de novo o seu arquipélago e reedificaram nova vida em terras da Califórnia. E entre um e o outro grupo, com os antagonismos naturais das várias gerações, muitos ultrapassados durante os últimos vinte anos, criou-se na Califórnia um riquíssimo manancial composto por uma cultura muito própria, a qual podemos cognominar de: açor-californiana.

No aspecto popular os elementos são bem visíveis. Hoje no estado da Califórnia celebram-se mais de 100 festas em louvor ao Divino Espírito Santo. E dezenas de festejos celebrando Nossa Senhora de Fátima, Santo António, Bom Jesus, Santo Cristo, e São João, a Senhora dos Milagres e a Senhora da Assunção, entre outros. São festejos, ou "festas" como se diz no linguajar popular luso-americano, que entraram no calendário social não só das comunidades de origem açoriana, mas, em vários casos, particularmente no Vale de San Joaquim e na costa central da Califórnia, no calendário das próprias comunidades californianas. Em algumas cidades, como Gustine e Pismo Beach, por exemplo, as festas são acontecimentos importantes para as economias locais. É a subcultura como parte integrante do multiculturalismo californiano, que é, ao fim e ao cabo, uma amálgama de culturas e línguas, de religiões e costumes, um verdadeiro mosaico humano, cultural, e tremendamente criativo.

E os festejos ao Divino Espírito Santo passaram, em várias cidades, de meros acontecimentos de gueto fechado, a eventos que aglomeram não só as várias gerações de luso-americanos, mas também, a presença de outros grupos étnicos, particularmente, nos cortejos onde as jovens "rainhas" e seus séquitos, muitas ao estilo de Maggie Sylvia [ii] escolhem para seus pares, rapazes de outras etnias, desde anglosaxónicos a hispânicos, reflectindo uma maior abertura, trazendo e levando os festejos à sociedade que nos rodeia. Aliás, ainda neste ano de 2004, repetiu-se a proeza dos festejos do Espírito Santo terem tido honra de primeira página no jornal *Advance-Register* de Tulare, acontecendo o mesmo em múltiplas pequenas e médias cidades do Vale de San Joaquim. Destaque-se que o jornal *Fresno Bee*, matutino numa cidade com cerca de 500 mil habitantes, tem, nos últimos anos, publicado alguns trabalhos sobre as "festas", realçando elementos históricos das mesmas. Já o saudoso Manuel Ferreira Duarte no seu delicioso conto, *A Band Nova [iii]*, referia à particularidade das festas serem parte do mundo americano:

Havia muita gente, postada nos passeios, a vê-los passar.

A maioria era portuguesa. Embora se tratasse de um evento

que se podia considerar rotineiro, por estar integrado entre os

demais acontecimentos anuais da cidade, conhecido por as *sopas*,

The Holy Ghost e *The portagee parade*, havia muita gente que via

a parada pela primeira vez e muitos ficavam por ali curiosos. [iv]"

Clique nas imagens para ampliar



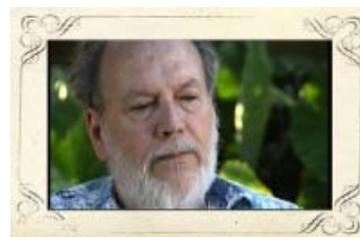
Aspecto das festas portuguesas na Califórnia



Raihas das Festas do ES na Califórnia



As Festas do ES--as mais populares



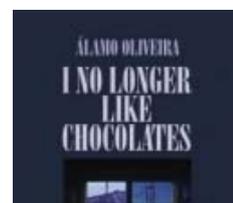
O Escritor Manuel Ferreira Duarte



Filarmónica Portuguesa de Tulare



Aspecto dum "bailinho" de Carnaval na Califórnia



E as festas, verdadeiras celebrações da cultura popular açoriana em terras californianas são eventos que se distinguem pela conjugação que fazem entre as várias gerações. Qualquer irmandade que se preze tem não só a sua rainha e o seu séquito, onde poucos ou nenhum dos jovens falam português e incorpora, muito ao gosto insular, como expressou Álamo Oliveira no seu romance sobre emigração[V], o profano e o religioso. Aliás, é interessante notar-se que em algumas igrejas enquanto se celebra a missa há quase tantas rainhas, e membros do séquito no adro, como dentro do templo. E apesar do levantar das sobranceiras de alguns padres, está em crescendo o número de jovens, portugueses e de outros grupos étnicos, que fazem parte dos festejos com raízes e práticas religiosas fora da igreja católica, provando o popular dito terçeirense que: *o espírito santo não é de igrejas*.

E as festas de hoje são espaços que promovem variadíssimos aspectos da cultura popular. Em muitas, e para os que ainda entendem português, lá estão as cantórias, com improvisadores das comunidades e dos Açores; as bandas de música (em algumas cidades as filarmónicas portuguesas e as bandas das escolas secundárias); os grupos de folclore; os bodos de leite; os espectáculos que vão desde música popular portuguesa, ao fado e claro, as touradas. São dezenas as touradas, de praça e à corda que se realizam pelo Vale de San Joaquin, e no sul da Califórnia, mais concretamente, nos subúrbios de Los Angeles, comunidades de Artesia e Chino. É importante que se saiba que neste ano de 2004 existem mais ganaderos luso-americanos na Califórnia do que nos Açores, um fenómeno praticamente inexistente há cerca de 30 anos, e até há uma dúzia de anos, limitado a dois ou três aventureiros. O fenómeno das touradas, num dos estados mais politicamente correctos da união americana, merecia um estudo profícuo e científico.

E para além destes acontecimentos, dos poucos nas comunidades da Califórnia que ligam as gerações desde os descendentes dos primórdios emigrantes aos os últimos a emigrarem nos anos oitenta do século vinte, existem ainda uma miríade de acontecimentos que fazem parte do calendário social luso-americano, mas estas muito mais segregadas. Entre esses eventos, destaque-se a celebração das danças e bailinhos do Carnaval à moda da ilha Terceira. Este fenómeno também merece um longo estudo e debate. Primeiro, porque embora cada vez se fale menos português nos lares luso-descendentes os bailinhos e danças têm tido nos últimos dez anos, um crescimento significativo. Há quem acredite que seja a possível: *visita da saúde*.

Entretanto, a nossa presença no multiculturalismo californiano não se limita à cultura popular, embora ela seja, obviamente, a que tenha maior visibilidade. Hoje a língua portuguesa faz parte de nove escolas do ensino secundário na Califórnia, um número reduzido, se compararmos com outras línguas europeias e asiáticas, mas com algumas tendências para aumentar. No meio universitário são mais de duas dúzias de universidades e *community colleges* que oferecem programas de língua e cultura portuguesas, alguns com a particularidade de focarem a especificidade da cultura açoriana.

Apesar de não ser com a regularidade desejada, ainda existem, um pouco por toda a Califórnia, espaços culturais onde se destaca a música erudita, a literatura, as artes plásticas, a história, etc. Aqui, e permitam-me a falta de modéstia, faz falta para o estudo contínuo e a ligação Açores/Califórnia, assim como fórum de debate entre os intelectuais da diáspora açoriana no continente norte-americano, a presença do simpósio *Filamentos da Herança Atlântica* que durante 12 anos teve palco na cidade irmã de Angra do Heroísmo, Tulare. Resta-nos o trabalho de algumas instituições e departamentos de português de algumas universidades e *community colleges*, particularmente o trabalho colossal feito pela Universidade da Califórnia em Berkeley, o simpósio tradições portuguesas da UCLA que de vez em quando tem uma presença açoriana e o Congresso da Luso-American Education Foundation.

Na criatividade literária, depois de passarmos pelos pioneiros como o Guilherme S. Glória, natural da ilha do Pico e director do jornal *A Liberdade* (fundado em 1900) que em 1935 publicou um livro de poemas, por Artur Ávila, também da ilha do Pico, que em 1909 publicou *Rimas de um Emigrante*, Alfred Lewis que em 1951 viu o seu *Home is an Island* publicado pela Radom House, Lawrence Oliver que publicou a autobiografia *Never Backward* em 1972[V]. Tivemos ainda Manuel Ferreira Duarte, de quem já se falou; Vamberto Freitas, que durante anos escreveu e publicou sobre as nossas comunidades (e ainda hoje continua a promover a literatura luso-americana nos Açores); Mayone Dias, a quem se deve a História dos Portugueses na Califórnia e no Hawaii; Donald Warrin e Geoffrey Gomes com o extraordinário livro sobre os Portugueses no *Far-West*; Josefina Canto e Castro e José Raposo, ambos os quais têm publicado poesia aqui e nos Açores; Décio de Oliveira que recentemente publicou o seu primeiro livro de poemas, e prepara um segundo, e Maria das Dores Beirão com *Beijo de Abelha*, um livro cheio de ternura e poesia íntima. Assim como as publicações da *Portuguese Heritage Publication*. Desde o estudo sobre o espírito santo, coordenado, ao livro de Alvin Graves sobre a indústria agro-pecuária, passando por autobiografias, e dentro em breve outras publicações sobre as igrejas portuguesas e a indústria piscatória de San Diego, entre outros projectos, a *Portuguese Heritage Publications* tem feito um trabalho verdadeiramente único na preservação da nossa identidade colectiva, particularmente no idioma inglês.

E é na língua inglesa que começa a aparecer a nossa grande criatividade. Katherine Vaz, é, indubitavelmente, a mais conhecida das vozes com raízes nos Açores que publica em inglês. Mas há a salientar Art Coelho, que há duas dúzias de anos anda a criar imagens dos nossos dois mundos. A sua escrita está marcada pelo açor-californianismo, assim como estão alguns trabalhos de: David Oliveira, Sam Pereira, Sãozinha Beirão, Maria de Lourdes Silva e Sara Goularte, entre outros, incluindo Frank Gaspar, cuja escrita é mais virada para a sua juventude na Costa Leste dos Estados Unidos, mas que agora vive e trabalha na Califórnia. E será, naturalmente, em inglês a maioria da produção literária e artística dos açor-californianos. Uma produção marcada pelas ilhas de bruma, mas já enraizada na nova literatura rural e cosmopolita da Califórnia.

No século XIX os açorianos começaram a pisar o solo da Califórnia. Hoje, em pleno século XXI somos parte integrante do multiculturalismo deste enorme estado. A nossa presença está, com cada dia que passa, muito mais plausível no denominado *mainstream*, muito mais implantada, porque estamos a aprender que tal como escreveu alguns Ralph Waldo Emerson: "a cultura é algo muito diferente do verniz".



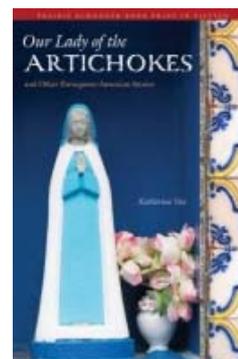
Capa do livro I No Longer Like Chocolates--Já Não Gosto de Chocolates de Álamo Oliveira, tradução de Diniz Borges e Katherine Baker



Escritora Katherine Vaz



Aspecto dum "bailinho" de Carnaval na Califórnia



Novo livro de Katherine Vaz, lançado em 2008



Associação estudantil açor-americana em Tulare Califórnia conta com cerca de 120 alunos





A escola secundária Tulare Union High School, com o maior programa de alunos de português no estado da Califórnia

[i] Do poema "A Ilha" de Pedro da Silveira

[ii] personagem do romance Já Não Gosto de Chocolates de ÁlamO Oliveira-edições Salamandra

[iii] conto inserido na colectânea A Banda Nova e Outras Histórias de Manuel Ferreira Duarte-edições Salamandra

[iv] Pg 135-idem

[v] Já Não Gosto de Chocolates de ÁlamO Oliveira-edições Salamandra

[vi] dados do livro Açorianos na Califórnia de Eduardo Mayone Dias, Colecção Diáspora, Lisboa

Indique este artigo para um amigo

Entre em contato com o autor deste artigo

Comunicar a Direcção do Portal um erro ou denunciar conteúdo impróprio